Ideias de "uma mulher de verdade" sobre os universos feminino e masculino [1]

Priscila Schran de LIMA[2]
Ariane PEREIRA[3]
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

"Amely, a mulher de verdade" é o título do cartum publicado, edição a edição, pela revista paranaense *Ideias*. Mas quem é, então, essa mulher de verdade e o que ela pensa sobre o ser mulher? São essas as perguntas que nortearão as análises tecidas a seguir, norteadas pelo conceito discursivo de Formações Imaginárias (Pêcheux).

ABSTRACT
"Amely, a real woman" is the title of the cartoon published edition to edition by Ideas magazine from Paraná. But, who is this real woman and what she thinks about being a woman? These are the questions that will guide the analysis made below, guided by the concept of Imaginary formations.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa paranaense; jornalismo; revista Ideias; cartum Amely; formações imaginárias.

Introdução

Desde 2008 faço parte do Movimento de Mulheres da Primavera, quis participar porque, assim como as outras integrantes, acredito que as mulheres devem atuar como protagonistas das suas vidas, emancipadas emocional e economicamente, que elas precisam envolver-se nos diversos campos, o político, o das ciências, o da comunicação social.

Nas formações do movimento sempre afirmamos que as mulheres são muito mais do que maquiagem, saltos altos, cabeleireiros, bonecas, cor-de-rosa, sexo e fofoca, que esse estereótipo da mulher deve ser questionado e também combatido.

Essa imagem da mulher as vezes fútil, ou que se importa apenas relações privadas acaba sendo difundida na mídia, em especial em veículos elaborados para o público feminino. Por isso este trabalho pretende analisar a representação da mulher na imprensa paranaense, mais especificamente na Revista Ideias.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Estudante de Graduação 2º.ano do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, email: pri_sorrisolindo@yahoo.com.br
[3] Orientadora do projeto de Iniciação Científica – ariane_carla@uol.com.br

Essa revista está em circulação há nove anos e a mulher vem sendo representada em suas colunas e editorias, mas o que mais me chama a atenção é a seção da cartunista Pryscila Vieira entitulada "Amely, a mulher de verdade". Nos cartuns a personagem principal é uma boneca, ou seja, a representação de uma mulher, que se diz verdadeira, por falar, apresentar desejo e opiniões. Até aí a ideia é inovadora, mas o que acaba gerando um ponto de interrogação são os assuntos dos quais Amely trata, tendo como foco principal apenas o âmbito privado, o que os movimentos feministas buscam ampliar.

Nesse sentido, o trabalho pretende apreender como se dá a construção da identidade feminina, uma vez que compreendemos que o jornalismo não apenas reflete, e sim molda a sociedade de uma determinada época (Freire Filho, 2007, 2010, 2011; Pereira, 2011). Assim, buscaremos compreender como a mulher é enunciada pela revista e, consequentemente, esta é vista, encarada pela sociedade em geral.

Por tratar-se de cartuns, trabalharemos os conceitos de charge, cartum e caricatura e suas características e ainda, à luz de Michel Pêcheux, analisaremos as formações imaginárias presentes no discurso de Pryscila Vieira e da revista paranaense Ideias.

Identidade feminina e memórias do que é ser mulher: representações da/na revista paranaense Ideias

Há diversos tipos de textos jornalísticos. Há aqueles que relatam aos leitores/espectadores/ouvintes os fatos noticiosos, o que está acontecendo em um determinado lugar, as novidades; estes são os chamados textos informativos. Mas também há aqueles que além de informar, criticam algum fato ou personagem, emitem opiniões e posições, os chamados textos opinativos. Considerando que texto, segundo FAVERO; KOCH (1988, 25) é "(...) qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos.", as charges, caricaturas e cartuns estão na categoria de texto. "A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada" (ROMUALDO, 2000, p.5).

Além da opinião, esse tipo de texto utiliza o humor para manifestar suas críticas, são os desenhos e o humor que diferenciam a charge dos demais textos opinativos.

Para embasar a análise da última página da *Revista Ideias*, a coluna *Amely*, é preciso ainda diferenciar charge, caricatura e cartum.

Segundo o Dicionário de Comunicação de RABAÇA; BARBOSA (1978) caricatura é uma representação imagética da fisionomia humana que destaca traços e características de forma humorística e grotesca. O cartum é tratado como uma anedota gráfica que pode-se utilizar de caricaturas, para representar com humor e crítica o comportamento humano, suas fraquezas, hábitos e costumes. Já a charge, é um tipo de cartum também, mas seu foco de crítica é um fato ou acontecimento específico geralmente de cunho político.

Com base nesses conceitos é possível classificar *Amely* como um cartum, pois trata com uma crítica irônica e humorística o comportamento das mulheres, suas fraquezas, hábitos e costumes.

Revista Ideias

A *Revista Ideias* é quem publica as tirinhas de *Amely – uma mulher de verdade*. O periódico circula mensalmente no estado do Paraná, com concentração maior em Curitiba e região metropolitana desde maio 2003, sua tiragem é de 18mil exemplares. Sob a direção de Fábio Campana, jornalista e diretor da Editora Travessa dos Editores a equipe é composta por Jaime Lerner, Dalton Trevisan, Jussara Voss, Marianna Camargo, Luiz Geraldo Mazza, Paola De Orte, Luiz Fernando Pereira, Carlos Alberto Pessôa, Isabela França, Luiz Carlos Zanoni e Rogerio Distefano

Sob o slogan Política, Economia & Cultura do Paraná a revista é irreverente, deixa clara suas preferências políticas por partidos e governos neoliberais, sua aversão ao senador Roberto Requião e sua simpatia ao governador do estado Beto Richa. O periódico declara-se formador de opinião na região e que seus 20mil leitores decidem o destino da cidade, por isso chama novos leitores para assinar a revista. (REVISTA IDEIAS, N.127, p.81) Pode-se dizer que sua publicação tem certa acidez, como bem é definida em sua publicidade: “Se você acha que a nossa revista é para pessoas exigentes, sofisticadas e às vezes um pouco arrogantes, você tem razão. Para fazer parte desse grupo assine (...)” (Revista Ideias, n. 107, p.37)

Ideias publicou em maio de 2012 uma pesquisa sobre o seu público, sendo 87% de pessoas da classe A, 13% classe B, e ninguém das classes C e D; 65% homens contra 35% mulheres e 76% do público é composto por pessoas que têm função diretiva. Nessa pesquisa fica claro que a produção jornalística é, em sua maioria, para homens empresários ricos.

Ao longo da revista, textos opinativos são marcantes, principalmente os de autoria de Fabio Campana, que tem uma inserção política no Estado e foi Secretário de Estado da Comunicação Social do Paraná em três governos diferentes nas décadas de 1980 e 1990. Não faltam blogueiros paranaenses para denunciar as relações entre Campana e o governo do estado.

Amely, a mulher de verdade

Em meio a esse contexto, a última página da revista é exclusiva para a cartunista curitibana Pryscila Vieira, que escolheu criticar com humor aspectos do cotidiano das mulheres.

Em entrevista ao periódico, Pryscila é intitulada uma mulher de verdade e declara-se tomada por uma "constante agitação emocional (TPM – tensão pré menstrual) refletida em ácidas críticas gráficas contra a sociedade." "(...) aos poucos abri mão da carreira do design gráfico para fazer somente o que eu gostava: criar personagens e dar vazão aos meus mais sórdidos pensamentos." (REVISTA IDEIAS, n.118, p.42). A cartunista ilustrou páginas do jornal *Gazeta do Povo* por quatro anos, fez tirinhas diárias para o jornal *Metro Internacional* por cinco anos, já publicou no *Le Monde*, trabalha no jornal *Folha de S. Paulo*, na *Revista Ideias* e mantém um blog pessoal.

Sendo uma das poucas cartunistas brasileiras, Pryscila diz que não sentiu diferença no trabalho de homens e mulheres no cartum.

> Geralmente, sempre fui muito bem recebida pelo Clube do Bolinha, ávido por conhecer o trabalho de uma mulher que expressa sua opinião com tanto bom humor quanto crueldade. Mas percebo que ainda é comum que as pessoas esperem resignação feminina e fiquem chocadas com mulheres bem humoradas. São homens e até mulheres machistas que ainda não se acostumaram com fêmeas que falam o que pensam. (REVISTA IDEIAS, n.118, p.43)

Para produzir seus cartuns, a autora diz que se inspira no cotidiano - pode ser o dia-a-dia da manicure, de alguém tomando café na rua, do jeito do marido cortar as unhas. "Todas as situações, pessoas, fatos, são potenciais escravos da graça. Tudo pode

ser contado, analisado ou criticado segundo a ótica da comédia." (REVISTA IDEIAS, n 118, p.44)

É nesse ponto que é possível perceber a visão de mundo da cartunista, o modo como ela enxerga e interpreta as relações interpessoais em especial do universo feminino. A expressão de seu ponto de vista se dá por meio do texto das tirinhas no uso da língua.

Figura 1 REVISTA IDEIAS, n. 109, p. 78

Amely á a personagem principal dos cartuns de Pryscila Vieira, entitulado "Amely, a mulher de verdade". A personagem, inspirada no samba de Mário Lago, "Ai que saudades da Amélia", é uma boneca inflável, que, segundo, sua criadora define "perfeitamente o temperamento feminino e por, consequência o mundo masculino" (REVISTA IDEIAS, n. 118, p.42).

> Amely é uma boneca inflável que foi batizada sob esta graça por conta do samba de Mário Lago intitulado "Ai que saudades da Amélia". A tal Amélia deixava saudades por ser uma mulher de verdade, ou seja, um exemplo de resignação feminina. Só que Amely destrói o mito de que a "mulher de verdade" deve se anular em prol do seu parceiro. Amely chega por encomenda à casa de seu comprador com dois grandes e irreversíveis "defeitos de fabricação" segundo o público masculino: o primeiro é que ela pensa. O segundo defeito é que ela fala... e muito! Isto a transpõe do patamar de "mulher inflável" para o de "mulher infalível". Amely torna-se uma mulher de verdade. Adquire vontade, iniciativa e independência, apesar de seus proprietários" não esperarem nada dela além do que um objeto sexual proporcionaria. (Pryscila Vieira em entrevista para a Revista Ideias, n.118, p.45)

Para a criadora, a boneca é inovadora porque não se trata apenas de uma boneca objeto sexual, mas sim se uma boneca que fala e pensa, e por isso torna-se uma mulher de verdade. Mas será que essa personagem não reitera a mulher como um objeto sexual? Ou como uma boneca? E se ela fala e pensa, é sobre o que? Qual é a concepção de universo feminino para Amely?

> Além de Amely, ainda há outro personagem nas tirinhas, que interpreta o comprador da boneca. Ele resolve adquirir uma mulher inflável exatamente porque desistiu de tentar compreender as mulheres de verdade. O comprador tem a esperança de que Amely será uma mulher perfeita, visto que não tem vontade própria, logo, não tentará julgá-lo. E tudo isso por um preço módico! Mas a solução perfeita para sua crise dura pouco. Para seu desespero, Amely recusa-se a ser um mero objeto sexual. Ela quer ser seduzida, quer preliminares, atenção, amor e carinho como toda mulher, afinal ela é uma mulher de verdade. .(Pryscila Vieira em entrevista para a Revista Ideias, n.118, p.45)

Figura 2 - REVISTA IDEIAS, n. 124, p. 82

Foram analisadas as tirinhas das edições nº103 (maio de 2010) a 127 (maio de 2012), esse período foi selecionado por ser o conteúdo disponível na internet. Para melhor entender o que é abordado nos cartuns, quantitativamente, as tiras foram separadas por assuntos, sendo: relacionamento, feminismo, sexo, clichês, política, beleza, traição e outros.

Das 92 tirinhas analisadas: 25 são sobre relacionamento, 24 sobre sexo, 9 sobre clichês, 5 sobre traição, 5 sobre feminismo, 4 sobre beleza, 3 sobre política , 2 sobre distúrbios hormonais e 15 sobre outros assuntos.

Foram classificados como clichê assuntos considerados senso comum, como que a mente masculina é permeada apenas por mulher, cerveja e futebol, que mulheres sempre vão juntas ao banheiro, que homem não diferencia estria de celulite, que mesmo que a mulher diga que nada está errado num relacionamento há algo errado, entre outros.

Esses são os assuntos que uma mulher de verdade, na concepção da cartunista, aborda e fala no seu dia a dia. Nesse sentido, Pecheux defende que o anunciador do discurso está imerso em condições de produção e na posição que representa. "(...) a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz" (1997, p.77)

Formações imaginárias do universo feminino

A partir daqui é possível provocar batimentos entre a produção de Pryscila Vieira e o conceito de formações imaginárias. A cartunista escolheu escrever sobre o que ela chama de universo feminino. Uma mulher escrevendo sobre o universo em que está inserida.

> (...) que o orador experimente de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de perceber o ouvinte é, as vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o "espera" (PECHEUX, 1997, p.77)

A habilidade de Pryscila imaginar, ou ainda antecipar, como chama Pecheux, o que o outro vai pensar, se torna mais hábil por ela ser uma mulher discursando assuntos, que no entendimento da cartunista, são inerentes a elas.

Será que o universo feminino gira em torno apenas desses temas? Aqui vale tratar sobre os "diferentes elementos estruturais das condições de produção do discurso", em especial as formações imaginárias, ou seja, a imagem que a cartunista tem das mulheres.

Segundo Pecheux, a repetição de discursos (dizeres cristalizados PEREIRA, 2010, p.33), torna aquilo uma constante no universo analisado, ou seja, a insistência de Amely falar sobre relacionamento e sexo mostra, que na ideologia de Pryscila Vieira, a mulher de verdade fala predominantemente sobre esses assuntos.

Talvez esses temas tenham sido escolhidos por remeter ao humor, às piadas, aos dizeres repetidos na sociedade e que geram graça. Mas aqui vale destacar o interesse do público em charges:

> Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por seu um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p.15)

Ou ainda MELLO:

> MELLO (1984) vai ainda mais longe, afirmando que a caricatura, como gênero jornalístico, possui uma função social mais profunda que a rotineira opinião dos veículos de comunicação coletiva, uma vez que na imagem, na imprensa, motiva o leitor de tal modo, que se torna um instrumento eficaz de persuasão. (ROMUALDO, 2000, p.15)

Mesmo tratando-se de um texto humorístico, o cartum está classificado entre os textos jornalísticos de opinião, ou seja, por meio das caricaturas e piadas são emitidas mensagens com carga opinativa, e em especial, quando a cartunista insiste em assuntos relacionado a sexo, traição, beleza, feminismo (com piadas sobre as lutas feministas) , ela dá a entender que o universo feminino é composto apenas disso.

Dentre esses temas, foram escolhidos para esta análise quatro cartuns que reforçam o estereótipo masculino (de “garanhão” e sem vergonha) e o estereótipo feminino (de bela, delicada, em busca de um príncipe encantado). Esse foi o tema escolhido porque os meios de comunicação tem o poder de influenciar uma sociedade em determinada época, como já foi dito anteriormente, e nesse sentido se faz necessário desconstruir esses estereótipos cristalizados na história para haver um equilíbrio das relações de gênero. Como já foi dito, todo discurso é interpelado por ideologias, ou seja, “(...) são as formações ideológicas que determinam os sentidos.” (PEREIRA, 2010, p.35)

Pryscila enuncia a partir de condições de produção especificas (por exemplo: sua condição feminina, a revista *Ideias*, cujo público é majoritariamente masculino) e estas,

portanto, funcionam dentro dos processos discursivos. É o que Pêcheux chama de formações imaginárias, ou seja, as imagens que os interlocutores têm de si mesmos e do outro e que se manifestam nos discursos.

Segundo a proposta de Pêcheux, na Análise do Discurso de linha francesa, as formações imaginárias podem ser evidenciadas a partir de quatro perguntas "que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro." (PÊCHEUX, 1997, p.82), sendo A o destinador e B o destinatário.

> IA (A) (imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A): "Quem sou eu para lhe falar assim?"
> IA (B) (imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A): "Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
> IB(B) (imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B): "Quem sou para que ele me fale assim?"
> IB(A) (imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B); "Quem é ele para que me fale assim?" (PÊCHEUX, 1997, p.83)

Pêcheux indica que todo processo discursivo supõe, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual está fundada a estratégia do discurso, que pode ser de persuasão ou cumplicidade:

> (...) a antecipação de B por A depende da "distância " que A supõe entre A e B: encontram-se assim formalmente diferenciados os discursos em que se trata para o orador de *transformar o ouvinte* (tentativa de persuasão, por exemplo) e aqueles em que o *orador* e seu ouvinte se identificam (fenômeno de cumplicidade cultural, "piscar de olhos" manifestando acordo etc.). (PÊCHEUX, 1997, p.85)

A questão IA(A) coloca a cartunista num lugar, não físico, como diz Pêcheux, dentro de uma formação social, como o enunciador do discurso, aquele que tem o poder de emitir sua opinião, ou ainda neste caso, é quem tem o poder de satirizar situações do dia-a-dia das mulheres com fins humorísticos.

Para a questão IA(B) a cartunista pode indicar que seu público busca piadas e risos. Aqui vale retomar o que Pryscila diz em entrevista a Revista Ideias, em que suas referências para criar são fatos corriqueiros ou conversas que ela ouve num café. Isso demonstra que o que ela imprime em seus cartuns são imagens do que ela acredita ser seu público.

Já para a questão IB(B) é uma reflexão a partir do destinatário. O público feminino e masculino se identifica nas tirinhas? Seus relacionamentos, suas paixões e traições estão satirizados no cartum? O público feminista se identifica com uma boneca que precisa estar sempre bela, magra e sonha com um príncipe em um cavalo branco? "Eu" mulher sou aquilo que está representado? Ou ainda, o público masculino se identifica numa relação como a de *Amely* e seu dono? Os interesses masculinos estão relatados nos cartuns?

Por fim, a questão IB(A) questiona quem é a cartunista (mulher) para que ela emita seus pensamentos sobre o universo feminino, ela simplesmente reproduz fatos cotidianos e piadas de senso comum, mesmo estando numa posição de poder num texto opinativo?

O primeiro cartum analisado foi publicado na edição número 120, de outubro de 2011, dentro da classificação quantitativa ele está entre o cartuns que tratam sobre sexo, já o segundo foi publicado na edição número 121, de novembro de 2011, e foi classificado na categoria outros. Porém, ambos têm em comum o fato de explorarem, em antagonismo, os universos feminino e masculino, características próprias, mesmo inerentes a cada um dos sexos.

Figura 3 REVISTA IDEIAS, n.120, p. 82

Figura 4 REVISTA IDEIAS, n.121, p. 82

A figura número 3 escancara o papel social de *Amely* como uma boneca inflável. Enquanto ela fala sobre cumplicidade e companheirismo a fim de manter um relacionamento feliz no casamento – discurso tomado pelo senso comum como essencialmente feminino -, seu dono, que não tem nome, demonstra interesse apenas para o sexo – discurso do típico macho viril. Esse cartum reitera uma memória discursiva de que os homens tem necessidade de sexo e só pensam nisso, que eles olham uma mulher como um objeto de desejo e posse para satisfação sexual, o que pode reforçar o machismo.

A figura de número 4 também reforça o estereótipo do homem "sem vergonha", e mais que isso, a imagem antiga ainda presente na sociedade atual de que aos homens tudo é permitido em termos sexuais, como a traição e as fantasias sexuais. Por isso, não há problema em se admitir ser "sem vergonha" quando se é homem. Já essa mesma posição liberal ou permissão não é válida para as mulheres. Quando essas assumem uma postura mais "sem vergonha" são logo taxadas, rotuladas.

As duas tirinhas podem inspirar algumas reflexões sobre o papel social dos homens e mulheres. Com tom humorístico a cartunista reafirma o papel social masculino como machão que deve satisfazer suas vontades sexuais com um objeto, a mulher – não importando se ela for sua, de outro, se houver outra, fruto de um relacionamento duradouro, momentâneo, contratado ou mesmo com uma boneca inflável. Essa concepção do homem viril foi construída historicamente e o coloca numa posição dominadora, de poder sobre o sexo frágil, de imposição por causa do gênero masculino.

Em oposição aos cartuns que demonstram o universo masculino, foram escolhidas outras duas tirinhas que abordam o universo de interesse feminino, segundo a ótica da cartunista.

Figura 5 REVISTA IDEIAS n.115 p. 74

Figura 6 REVISTA IDEIAS n. 117, p. 82

As figuras número 5 e 6 refletem a perpetuação do estereótipo feminino de estar sempre bela e perfeita, ou para chamar a atenção do marido ou para encontrar seu príncipe encantado.

Amely é cheia de símbolos que reforçam o papel social da mulher como procriadora e doméstica. Ela é uma boneca inflável, mero objeto sexual, ela sonha com um relacionamento feliz (como fica explícito no estudo quantitativo de que o assunto que Amely mais fala é relacionamento), ela precisa estar sempre bonita e sexy para manter seu marido próximo (pois os homens são "sem-vergonha" e, ao mesmo tempo, as mulheres também sentem desejo que precisa ser satisfeito pelo companheiro), ela está sempre à espera de um príncipe ou na expectativa de que seu sapo torne-se um príncipe, ela sempre está no âmbito privado vivendo em função de seu dono que a vê apenas como um objeto.

Se na figura 5 é exigido da amiga de *Amely* que ela esteja impecável para chamar a atenção do marido, embora a dedicação a aparência não garantirão o interesse do marido, como todo homem "sem-vergonha"; na figura 6 a princesa impecável beija seu sapo na esperança de que ele seja melhor. Ou seja, a retomada do conto de fadas sinaliza em dois sentidos. O primeiro deles é que a mulher do século XXI ainda é a princesa delicada a espera de um príncipe, ou seja, só um homem pode transformar e dar sentido a vida de uma mulher. Ao mesmo tempo, como os príncipes não existem e a realidade são os "homens sem-vergonha", as mulheres estão sempre em busca de transformar esse homem, do sem-vergonha ao parceiro exemplar e mais do que isso ideal. E aqui vemos como o relacionamento, a qualidade dele e sua duração, depende inteiramente da mulher. Assim, se o parceiro não é fiel ou o relacionamento termina, só há uma questão a se fazer e responder: o que a mulher fez de errado? Erros que justificam, então, o desinteresse sexual e pessoal do companheiro, a traição, etc.

Ou seja, *Amely*, como boneca inflável pode ser usada apenas para fins sexuais, e, além disso, é descartável, barata, frágil e pode ser trocada a qualquer momento, ou que pode ser deixada de lado, à mercê da vontade de seu dono. Exatamente como reiteram os mesmos discursos machistas que continuam a ser reproduzidos socialmente mesmo que de maneira velada ou inconsciente, como nos discursos de quem se diz "uma mulher de verdade". As representações femininas e masculinas tratadas nas tirinhas, assim, só contribuem para reforçar a desigualdade de gênero ao reafirmar o papel social da mulher é viver em função do homem, condição *sine qua non* para alcançar a felicidade. Já o do homem segue sendo aquele a quem é permitido usar a mulher, e quantas quiser, apenas para satisfação de prazer carnal.

Considerações finais

A análise do discurso de Pryscila Vieira, por meio de Pêcheux foi muito valiosa porque foi possível tentar compreender as formações imaginárias da cartunista sobre seu público, ou melhor, sobre o universo feminino. O que para mim gerou certa revolta, por considerar que ela sendo uma mulher detentora do poder de um discurso limita-se a reproduzir piadas que depreciam as mulheres ou ela mesma.

Além disso, na análise a partir do destinatário "quem sou eu para que ele fale assim?" foi outro ponto revoltante, pois eu não me limito à esse universo feminino exposto nas tirinhas, muito pelo contrário, a cada dia aumentam as movimentações feministas contra a exposição da mulher na mídia apenas como objeto sexual ou que se interessa apenas pelo mundo doméstico privado e de posse de alguém.

Por meio desse estudo foi possível verificar uma parte da imprensa paranaense e as representações da identidade feminina nesse veículo, que mesmo com uma audiência predominantemente masculina, reserva a última página para o humor feminino, ou melhor, para tirar sarro da relação masculino e feminino, contribuindo para a formação da opinião dos diversos homens leitores da revista.

Por fim, ao enunciar a Amely como objeto sexual, como mulher que, como tal, só consegue destaque por seus atributos físicos (a boneca tem lábios, seios e quadril grandes, é loira e usa lingerie vermelha) e não intelectuais, a cartunista Pryscila Vieira e a revista Ideias reforçam estereótipos femininos, de que a mulher é propriedade do homem, que mulheres só querem discutir relacionamento, que lugar de mulher não é no meio público, o que remete ao machismo. Nesse sentido é possível vincular que a

mensagem de Amely é machista para um público, que segundo a revista é composto por 65% de homens, ou seja, a identidade do ser mulher de Pryscila é machista e corrobora com os discursos machistas. Se a maioria dos leitores são homens, são eles que mais divertem-se e criam piadas sobre o universo feminino que, infelizmente foi reduzido à relacionamento, sexo, traição e beleza, o que provoca mais desigualdade de gênero e por consequência perpetua o machismo.

REFERÊNCIAS

FAVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual**: introdução. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988

FREIRE FILHO, J. **Sonhos de grandeza:** o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto. *A promoção do capital humano – mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo.* Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **A felicidade na era da reprodutibilidade científica:** construindo pessoas cronicamente felizes. In: FREIRE FILHO, João. *Ser feliz hoje – reflexões sobre o imperativo da felicidade.* Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. **Reinvenções da resistência juvenil** – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

PECHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEREIRA, Ariane. **"Mãe também é gente"!** E quem foi que disse que não era? Estereótipos sobre a mulher na revista Pais & Filhos. Comunicação & Sociedade, v.33, p.219-239, 2011.

_____. **Rota 66 em revista:** as resistências no discurso do livro-reportagem. Guarapuava: Unicentro, 2010

RABACA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Atica, 1987.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística:** intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo / Maringá: Eduem, 2000.

http://www.comunicacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13

http://www.fabiocampana.com.br/biografia/